

# SURGIMENTO, DESENVOLVIMENTO E PROBLEMATIZAÇÃO DA SOCIOLOGIA

## STRENGTH, DEVELOPMENT AND PROBLEM OF SOCIOLOGY

Wesley Trevizan Amâncio<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda de maneira relacional alguns dos principais elementos que contribuem para o surgimento, desenvolvimento e problematização da Sociologia, entendida enquanto uma moderna ciência posta a pensar as complexas relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres nesse tempo histórico da humanidade. Para tanto, as contribuições se dão à luz das formulações e proposições produzidas por Georg Simmel, Octávio Ianni e Pierre Bourdieu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociologia. Modernidade. Campo científico.

**ABSTRACT:** This article approaches in a relational way some of the main elements that contribute to the emergence, development and problematization of Sociology, understood as a modern science put to think the complex social relations established between men and women in this historical time of humanity. To this end, contributions are given in the light of the formulations and propositions produced by Georg Simmel, Octávio Ianni and Pierre Bourdieu.

**KEYWORDS:** Sociology. Modernity. Scientific field.

### INTRODUÇÃO

A proposição do presente artigo se dá em virtude do interesse pela melhor compreensão das condições que permitem o surgimento e desenvolvimento da Sociologia, bem como as problematizações que a cercam. Para tanto, abordamos de maneira relacional alguns dos principais elementos da modernidade que contribuem para essa realização, considerando as formulações e proposições produzidas por Georg Simmel, Octávio Ianni e Pierre Bourdieu.

Neste sentido, as obras selecionadas para realização da proposta foram “*A metrópole e a vida mental*”, transcrição de uma conferência realizada por Simmel no início do século XX – publicada pela primeira vez no ano de 1902 –; “*A sociologia e o mundo moderno*”, transcrição de aula proferida no dia 1º de março de 1988 por Ianni – publicada no ano de 1989 – para estudantes do curso de Ciências Sociais da USP; “*Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*”, transcrição de uma conferência realizada por Bourdieu em 1997 no Instituto Nacional de Pesquisas Agronômicas da França – publicada no

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais - Unioeste Toledo/PR -R. da Faculdade, 645 - Jardim La Salle, Toledo - PR, 85903-000

Brasil pela editora da Unesp em 2003 – e, por fim, “*Questões de Sociologia*”, que reúne transcrições de diversas conferências de Bourdieu sobre temas de interesse da Sociologia.

Na primeira parte do desenvolvimento do artigo, dedicado ao pensamento de Georg Simmel (1967), observaremos que o autor identifica uma das primeiras e mais relevantes características dos interesses e relações sociais que se estabelecem pelo e no homem (pois ao mesmo tempo em que construtor do processo se vê impactado pelos efeitos da sua própria obra), inserido em um contexto rico e complexo que se estrutura no novo e objetivo modo de vida das grandes cidades capitalistas. Relações e condições de vida que, então, será a matéria-prima pela qual se voltará e problematizará a nova ciência que está em formação, a Sociologia.

Na segunda parte, voltado às contribuições de Octávio Ianni, com uma teoria já mais direcionada a pensar propriamente a Sociologia, constataremos que autor afirma que essa nova ciência nasce e desenvolve-se no mundo moderno, refletindo suas principais épocas, transformações e contribuindo para desvendar alguns dos seus dilemas fundamentais.

Na terceira e última parte, destinado a apresentar algumas contribuições de Pierre Bourdieu à Sociologia, verificaremos a proposição da teoria do campo científico, desenvolvida para contribuir com o entendimento de alguns dos principais dilemas que cercam as ciências modernas, em particular a ciências sociais – incluindo a Sociologia –, perpassando o seu desenvolvimento, valores e legitimidade.

Por fim, nas considerações finais, ressaltamos e destacamos brevemente as principais contribuições estabelecidas pelos autores para a Sociologia.

## **1. A GRANDE CIDADE CAPITALISTA E O NOVO HOMEM SOCIAL EM GEORG SIMMEL: O PRIMEIRO CENÁRIO DO SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA**

No texto “*A metrópole e a vida mental*” (transcrição de uma conferência realizada no início do século XX – publicada pela primeira vez no ano de 1902), Georg Simmel (1967) apresenta as relações conflituosas que as diversas e complexas configurações (muitas vezes com imposições objetivas) das grandes e modernas cidades capitalistas, com seus valores imanentes, em contraposição aos das pequenas cidades e do campo, estabelecem

(influenciando e provocando reações) à subjetividade e individualidade das pessoas que a habitam. Afirma o autor:

Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida. A luta que o homem primitivo tem de travar com a natureza pela sua existência *física* alcança sob esta forma moderna sua transformação mais recente. (SIMMEL, 1967, p. 10)

Podemos considerar que os grandes eventos da humanidade realizados no século XVIII (especialmente a revolução francesa e a industrial) possibilitou o homem se libertar significativamente de históricas dependências do Estado, da religião, da moral e da economia. Liberando-o para construir sua própria liberdade, clamar por igualdade e, de forma especial, distinguir-se dos demais, de modo a ter sua individualidade reconhecida. Em contrapartida, juntamente com essa liberdade tem-se a exigência da especialização funcional do trabalho para atendimento das diversas necessidades do, agora, homem na moderna sociedade (SIMMEL, 1967).

De acordo com SIMMEL (1967, p. 10), essa especialização refletirá em grande diferenciação entre os indivíduos, mas ao mesmo tempo tornará cada um deles indispensável ao outro. Uma relação que cria novo e complexo movimento em que cada homem se tornará “proporcionalmente mais dependente de forma direta das atividades suplementares de todos os outros”.

Neste percurso, é preciso observar que as individualidades construídas nas grandes cidades, lugar onde se potencializa essas novas formas de vidas especializadas, estão ligadas com uma intensificação da vida nervosa, resultando em aceleradas e ininterruptas mudanças nas impressões interiores e exteriores (SIMMEL, 1967).

Uma característica peculiar das grandes cidades será a consolidação da vida monetária sobre a dinâmica das relações humanas. As consequências advindas dessa consolidação monetarizada do modo de vida urbana, em contraste com a rural, são igualmente marcantes, pois há uma multiplicidade e concentração de trocas econômicas de tal forma que pode-se dizer que a economia monetária se vincula ao domínio do intelecto (SIMMEL, 1967).

Quanto aos reflexos desse processo, Simmel (1967) irá considerar que:

A mente moderna se tornou mais e mais calculista. A exatidão calculista da vida prática, que a economia do dinheiro criou, corresponde ao ideal da ciência natural: transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de fórmulas matemáticas. Somente a economia do dinheiro chegou a encher os dias de tantas pessoas com pesar, calcular, com determinações numéricas, com uma redução de valores qualitativos a quantitativos. Através da natureza calculativa do dinheiro, uma nova precisão, uma certeza na definição de identidades e diferenças, uma ausência da ambigüidade nos acordos e combinações surgiram nas relações de elementos vitais — tal como externamente esta precisão foi efetuada pela difusão universal dos relógios de bolso. Entretanto, as condições da vida metropolitana são simultaneamente causa e efeito dessa característica. (SIMMEL, 1967, p.13)

O dinheiro, dando sustentação às relações monetárias da vida nas grandes cidades, assume o papel de nivelador e denominador comum dos valores, expressando todas as diferenças qualitativas em termo de “quanto?”. As consequências imediatas são a subtração da essência, individualidade, valor específico e incomparabilidade das coisas (SIMMEL, 1967, p.12).

Todavia, é preciso atentar que esse movimento monetário racional corresponde a uma forma de organização específica presente nas grandes cidades. Pois, os inúmeros relacionamentos e compromissos são de tal complexidade, que sem a mais estrita organização racional e atendimento pontual da demanda, corre-se o risco de romper com a estrutura e organização social, levando a existência de um caos social (SIMMEL, 1967).

Neste sentido, Simmel (1967) aponta que na metrópole moderna a vida será organizada inteiramente para prover a produção para o mercado. Em decorrência, a relação que irá se estabelecer é entre compradores desconhecidos, cujas relações pessoais de proximidade são anuladas. Assim, os comportamentos e a vida espiritual dos habitantes dessa grande cidade serão enfrentados com reserva na relação com os semelhantes.

Frente a esse quadro aparece uma das questões mais complexas, pois os mesmos fatores que exigem a exatidão e minuciosa precisão nas atividades cotidianas da vida refletirão em uma forma de vivência altamente impessoal, porém com uma promoção de uma subjetividade altamente pessoal. Desse processo surge o fenômeno psíquico descrito como atitude *blasé* (SIMMEL, 1967).

Com a atitude *blasé* a concentração de homens e coisas estimula o sistema nervoso do indivíduo até seu mais alto ponto de realização, de modo que ele atinge seu ápice. Através da mera intensificação quantitativa dos mesmos fatores condicionantes, essa realização é transformada em seu contrário e aparece sob a adaptação peculiar da atitude *blasé*. Nesse fenômeno, os nervos encontram na recusa a reagir a seus estímulos a última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e à forma da vida metropolitana. A autopreservação de certas personalidades é comprada ao preço da desvalorização de todo o mundo objetivo, uma desvalorização que, no final, arrasta inevitavelmente a personalidade da própria pessoa para uma sensação de igual inutilidade. (SIMMEL, 1967, p. 16)

A atitude *blasé*, portanto, surge como uma resposta desse homem aos diversos e complexos fenômenos vivenciados na grande cidade.

Para Simmel (1967, p. 22), esse modo de vida na metrópole, integrante do desenvolvimento da cultura moderna, conduzirá constantemente ao impulso da existência pessoal individual, pela qual se caracterizará com as marcas da preponderância do “espírito objetivo” sobre o “espírito subjetivo”.

As expressões dessa objetividade poderão ser vistas na linguagem, no direito, na técnica de produção, nas artes, na ciência e mesmo no âmbito da organização dos objetos domésticos. Na outra ponta, o desenvolvimento espiritual dos sujeitos cada vez mais se desenvolverá de modo incompleto (SIMMEL, 1967).

De toda forma, Simmel (1967) afirma que o indivíduo ficou cada vez mais incapacitado de se sobrepôr a essa cultura objetiva. Esse homem da cidade grande foi reduzido a uma pequena partícula em uma organização grandiosa de coisas e potências, lhe retirando gradualmente todos os progressos, espiritualidades e valores, direcionando-os da esfera da subjetividade da vida para uma vivência extremamente objetiva.

A divisão do trabalho, com a promoção das formas diversas e especializadas da vida, sustentando o funcionamento e o modo em que se vive na grande metrópole, é identificada como uma das responsáveis pela discrepância existente entre subjetividade e objetividade. “Pois a divisão de trabalho reclama do indivíduo um aperfeiçoamento cada vez mais unilateral. E um avanço grande no sentido de uma busca unilateral com muita frequência significa a morte para a personalidade do indivíduo” (SIMMEL, 1967, p. 22).

Com efeito, Simmel (1967) aponta que é preciso permanecer crítico a esse processo e, em conjunto, identificar que há similitudes entre a formação e desenvolvimento da

modernidade da grande cidade, incluído seus diversos e complexos fenômenos, e o homem que a habita. Afirma o autor que da mesma forma que o humano não se esgota nos limites do seu corpo ou mesmo dos costumes local de onde habita, também uma cidade é constituída da totalidade dos seus efeitos, os quais se irradiam temporal e espacialmente, ultrapassando, assim, as condições imediatas em que se apresenta.

A metrópole se revela como uma daquelas grandes formações históricas em que correntes opostas que encerram a vida se desdobram, bem como se juntam às outras igual direito. Entretanto, neste processo, as correntes da vida, quer seus fenômenos individuais nos toquem de forma simpática, quer de forma antipática, transcendem inteiramente a esfera para a qual é adequada a atitude de juiz. Uma vez que tais forças da vida se estenderam para o interior das raízes e para o cume do todo da vida histórica a que nós, em nossa efêmera existência, como uma célula, só pertencemos como uma parte, não nos cabe acusar ou perdoar, senão compreender. (SIMMEL, 1967, p. 24)

Realizado esses levantamentos, estudos, observações e análises, Georg Simmel identifica e vai estabelecer uma das primeiras e mais relevantes características das relações e interesses sociais que se estabelecem pelo e no homem (pois ao mesmo tempo em que construtor do processo se vê impactado pelos efeitos da sua própria obra) inserido nessa modernidade rica e complexa que se estrutura no novo e objetivo modo de vida das grandes cidades capitalistas.

Esses elementos serão objeto de problematização do surgimento da igualmente moderna Sociologia, como poderemos observar no próximo capítulo, em detalhes, na abordagem realizada por Octávio Ianni.

## **2. O DESENVOLVIMENTO DO MUNDO MODERNO E O DESVENDAMENTO PROMOVIDO PELA SOCIOLOGIA EM OCTÁVIO IANNI**

Ianni (1989), no texto intitulado “*A Sociologia e o mundo moderno*” (transcrição da aula inaugural proferida no dia 1º de março de 1988 para os estudantes do curso de Ciências Sociais da USP) apresenta que a Sociologia nasce e desenvolve-se no mundo moderno, refletindo suas principais épocas, transformações e contribuindo para desvendar alguns dos seus dilemas fundamentais.

Os impasses e as perspectivas desse Mundo [moderno] tanto percorrem a Sociologia como ela percorre o mundo. Se nos debruçarmos sobre os temas clássicos da Sociologia, bem como sobre as contribuições teóricas, logo deparamos com as mais diversas expressões desse Mundo. Sob diversos aspectos, ela nasce e desenvolve-se com ele. Mais do que isso, o Mundo Moderno depende da Sociologia para ser explicado, para compreender-se. Talvez se possa dizer que sem ela esse Mundo seria mais confuso, incógnito. (IANNI, 1989, págs. 7-8)

A Sociologia, afirma Ianni (1989, p. 8), “não nasce no-nada”. Ela surge em meados do século XIX, uma época em que alguns elementos dessa nova sociedade moderna se revelam mais abertamente, como “as forças sociais, as configurações de vida, as originalidades e os impasses da sociedade civil, urbano-industrial, burguesa ou capitalista”.

Todavia, o capital se coloca como a marca de um dos seus principais símbolos, o qual de forma recorrente interporá limites, demarcando as relações e configurações temporais e espaciais entre “o presente e o passado, a superstição e a ilustração, o trabalho e a preguiça, a nação e a província, a tradição e a modernidade”. Pois, a intensidade do capital será tamanha, que seus valores sociais, políticos, culturais e, é claro, econômico, se apresentará determinadamente a uma ação conquistadora e civilizadora de todos os países (IANNI, 1989, p. 8).

Neste processo, as transformações e crises que permeiam constantemente o desenvolvimento das sociedades capitalistas será outra matriz de estudo da Sociologia. Pois, o século XIX será atravessado por movimentos de contestação, protestos, greves, revoltas e mesmo revoluções, que colocam em questão a ordem desigual reproduzida pelo modo de produção capitalista. Traços que revestirão à modernidade. Conforme estabelece Ianni (1989, págs. 12-13):

Estava em curso o desenvolvimento da sociedade nacional, urbano-industrial, burguesa, de classes. Com a dissolução, lenta ou rápida, da comunidade feudal, emergia a sociedade civil. Essa ampla transformação concretiza-se em processos sociais de âmbito estrutural, tais como: - industrialização, urbanização, divisão do trabalho social, secularização da cultura e do comportamento, individuação, pauperismo, lumpenização e outros. Esse é o palco do trabalhador livre, formado com a sociedade moderna.

A revolução, como consequência, não limitou-se apenas em relação ao modo de vida na sociedade capitalista frente ao vigente no regime feudal, mas também reproduziu-se sistematicamente dentro do próprio sistema capitalista. Neste sentido, será um dos grandes temas de destaque da Sociologia. Pois, de acordo com Ianni (1989, p. 14) neste período moderno:

Revolucionam-se os modos de vida e as culturas nativos nas mais longínquas regiões. Os bárbaros são obrigados a civilizar-se, assumindo a barbárie do capital. Os povos fetichistas, panteístas, sem história, que vivam mergulhados no estado da natureza, são obrigados a assimilar o monoteísmo bíblico, a diligência do trabalho que produz mercadoria e lucro, a disciplina exigida pela criação da mais-valia, a religião do capital. Está em marcha a revolução burguesa em escala mundial. Ao mesmo tempo, por dentro e por fora dessa revolução, desenvolvem-se revoluções nativistas, nacionalistas, sociais, populares, socialistas. Uma espécie de revolta desesperada contra a missão civilizatória do capital.

Em perspectiva ampla, a Sociologia formula e desenvolve alguns dos temas da maior importância para a compreensão do mundo moderno, os quais dirão respeito às transformações, crises e dilemas inerentes ao percurso percorrido. Contudo, não se pode perder de vista que os temas serão tratados de forma diferente, não sem polêmicas, de acordo com a abordagem teórica com as respectivas perspectivas e princípios explicativos adotados (IANNI, 1989).

Nesta perspectiva, a história revela alguns temas clássicos, como sociedade civil e estado nacional, multidão, massa e povo, classe social e revolução, ordem e progresso, normal e patológico, racional e irracional, anomia e alienação, sagrado e profano, ideologia e utopia, comunidade e sociedade, passado e presente, tradição e modernidade (IANNI, 1989, p.14).

Para Ianni (1989 p. 19), “A ideia de Sociologia é contemporânea da ideia de Modernidade”. Em comum, destaca o fato de ambas nascerem na cidade, local em que se despontam “as mais novas e típicas relações materiais e espirituais da sociedade moderna”, com formação em meados do século XIX em Paris (capital desse século).

A partir do momento em que a Sociologia passa a se preocupar com as relações, bem como com os processos e as estruturas que constituem a sociabilidade humana na sociedade moderna, a questão do indivíduo torna-se um aspecto fundamental. Pois, a ele, um ser social

tido como singular, autônomo, é dado à compreensão de uma das mais recentes e originais realizações do mundo moderno, tal qual a mercadoria (IANNI, 1989).

A crescente intelectualização do indivíduo e a contínua racionalização das organizações pareciam “despojar de magia o mundo”, desencantá-lo. O homem e a sociedade pareciam conquistar o controle de seus atos, do seu presente, emancipando do passado. O mundo iluminava-se de outras cores. As ciências conferiam a muitos a ilusão do progresso, da resolução dos problemas materiais e espirituais. (IANNI, 1989, págs. 19-20)

Numa promoção transgressoras das anteriores fases míticas, o homem passa a fazer o uso da razão para explicar os fenômenos que o cercam. Racionalmente o mundo desencanta, o homem despoja-se da figura de Deus, abandona a tradição e religião, intelectualiza-se de tal maneira que desencanta o mundo de visões e fantasma e passa a acreditar em ser o senhor do seu próprio destino (IANNI, 1989).

Em contrapartida, as coisas criadas na racionalidade de forma complexa e contraditória, projetam-se diante dos próprios homens como seres sociais, dotados de vida própria, relacionando entre si e com os homens, autonomamente, naturalizada, só que de forma reificada e ideologizada. Uma tragédia na qual “o criador submete-se à criatura, em deleite e espanto”, ou seja, o homem na modernidade não está livre em sua totalidade de relações fetichizada, o fetiche ao mítico, deuses, é substituído pela mercadoria. De acordo com Ianni (1989, p. 21):

É aí que se instaura o sentido trágico também presente na Modernidade. Agora o homem tudo sabe, sobre este e o outro mundo. Tem tanta razão que desvenda os fetiches que ele próprio recria e recria, no cotidiano do dia-a-dia. Mas se reconhece a quem e além dessa razão. Descobre que o seu entendimento não o emancipa de si, do que é como fabulação. Com o fetichismo das suas relações sociais, entroniza visões e fantasmas, nos quais se conhece e desconhece, que alegram e assustam.

Neste processo, soma-se a lógica do trabalho produtivo e sua imposição generalizada sobre os modos de vida, consolidando toda uma sequência de traumas e sequelas. A humanidade, de forma geral, e especialmente o homem comum, irá se defrontar com uma realidade em que os seus limites estruturais mais e mais vão sendo demarcados. Pois, a ciência não significará necessariamente progresso, o desenvolvimento material não refletirá

em desenvolvimento social e espiritual, podendo, ao contrário, os seus usos resultarem em agravamento das questões sociais e mesmo promover a desumanização das relações entre os homens (IANNI, 1989).

Os fenômenos da modernidade, do homem moderno, vão se entrelaçando de tal forma que se coloca em curso um processo de secularização da cultura e do comportamento, permeados pela industrialização, urbanização, divisão social do trabalho e todas as questões sociais que expressam (IANNI, 1989).

A Sociologia, o seu surgimento e desenvolvimento, está inserida nesse caldo onde revoluções afloram, lenta e rapidamente, parcial e bruscamente, subordinando e mesmo destruindo tradições, regionalismo e provincianismo materiais e espirituais reverberadas na modernidade. Nesse processo, a Sociologia “revela e constitui condições essenciais do Mundo Moderno”. Problematiza com vistas a “compreender, interpretar, taquigrafar, ordenar, controlar, dinamizar, ou exorcizar esse Mundo [moderno]” (IANNI, 1989, p. 21).

Assim, nesse ambiente da modernidade, de realização ou de dilemas, moldam-se os elementos essenciais que darão vida à Sociologia, possibilitando a sua formação e seu estilo de pensamento. Junto a uma crescente gama de perspectivas e princípios explicativos dos diversos fenômenos sociais desse tempo, a “Sociologia está empenhada em desvendar o modo pelo qual o homem, Deus e Diabo estão metidos no meio do redemoinho” (IANNI, 1989, p. 24).

### **3. A SOCIOLOGIA POSTA EM QUESTÃO: A TEORIA DO CAMPO CIENTÍFICO EM PIERRE BOURDIEU**

Bourdieu (2003b) destaca o papel crítico que cabe historicamente à Sociologia. A ela é atribuída uma condição constante de criticidade. Trata-se de uma ciência interessada em desvendar relações e fatos sem a qual permaneceriam subjacentes, problematizando situações muitas vezes tidas como naturais. Neste sentido, seu objeto será permeado pela conflitualidade, envolvendo processos de lutas, relações de poder e outros aspectos da realidade social os quais muitos não desejam que sejam mexidos, quiçá desvelados.

A despeito de acreditar que o pesquisador é interessado em produzir um discurso verdadeiro, buscando desvendar o que está escondido no mundo social, Bourdieu (2003b) trás

para o debate as condições em que se firmam a construção do conhecimento objetivado pelo pesquisador. De outra forma, pontua ainda o fato que as diferentes teorias que se colocam a explicar o mundo social refletem formas diferenciadas de percepção desta realidade. Para tanto, encaminha a seguinte questão: o que determina que uma teoria seja mais válida que outra, que um autor seja mais reconhecido que outro?

Para trabalhar com esses dilemas que permeiam a ciência, especialmente as ciências sociais, Bourdieu desenvolve, ainda na década de 1980, o conceito de campo científico. Um dos seus conceitos centrais, como em outros campos teorizados<sup>2</sup>, o campo científico se caracteriza por ser um espaço relativamente autônomo diante macrossocial, pelo qual flui um tipo particular de capital simbólico (BOURDIEU, 2003a).

Contudo, Bourdieu (2003a) destaca que essa autonomia é relativa, depende em grande parte da força ou poder que esse campo tem em relação ao macrossocial. A sua independência está relacionada com a capacidade que o campo tem de refratar as demandas ou pressões externas da sociedade.

Neste contexto, o que determina o que é e o que não é interessante, o que pode e o que não pode ser estudado pelo campo científico é a estrutura do campo. Essa estrutura estará marcada por uma distribuição desigual de poder.

É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem ou não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posições. (BOURDIEU, 2003<sup>a</sup>, p. 23).

O campo científico, assim como os demais campos, é um espaço estruturado e hierarquizado, permeado por relações de poder e de dominação, afirma Bourdieu (2003a). Local onde são realizadas lutas pela conquista de melhores posições e capital. Assim, os agentes disputam com seus respectivos capitais, devendo observar que cada campo tem suas próprias regras em jogo. Desta forma, quanto mais um agente tiver capital mais poder ele tem para firmar suas ideias e mudar as regras do jogo, se for preciso.

---

<sup>2</sup> Segundo Bourdieu (2003), os campos são dotados de mecanismos próprios, bem como propriedades que lhe são particulares e existem nos mais variados tipos, como o campo das artes, da religião, da política, da literatura etc.

Neste quadro, Bourdieu (2003a) distingue a existência de dois capitais científicos que, apesar de muitas vezes caminharem juntos, é preciso ser considerados separadamente, já que as suas formas de acumulação são diferentes. São eles o capital científico puro e o capital científico institucional.

O capital científico puro é adquirido e baseado no reconhecimento que o cientista tem dos pares, diante de suas publicações, descobertas, invenções inovações, citações etc. O capital científico institucional é advindo das posições importantes assumidas dentro das instituições científicas, sendo, portanto, um capital mais político e estando ligado à estrutura hierárquica do campo. Para Bourdieu (2003a) esse último, pelas suas características, é de mais fácil transmissão do que o primeiro.

Díficeis de acumular praticamente, as duas espécies de capital científico diferem também por sua forma de transmissão. O capital científico “puro”, que, fragilmente objetivado, tem qualquer coisa de impreciso e permanece relativamente indeterminado, tem sempre alguma coisa de carismático; desse aspecto, é extremamente difícil de transmitir na prática. [...] Ao contrário, o capital científico institucionalizado tem quase as mesmas regras de transmissão que qualquer outra espécie de capital burocrático, ainda que, em alguns casos, deva assumir uma aparência de uma “eleição”. (BOURDIEU, 2003a, pp. 36-37).

Assim, de acordo com Bourdieu (2003a), as distintas lutas internas ao campo científico envolvem a distribuição e posse de um capital específico. De forma mais intensa, se dão as lutas entre aqueles que desejam assumir posições de destaques e aqueles que desejam se manter nelas. Essas lutas são travadas em geral pelos novatos que disputam, dentro das regras estabelecidas, a posição daqueles que exercem funções dominantes. Decorre dessa dinâmica o estabelecimento de uma estrutura com características majoritária conservadora no campo. De tal forma que os novatos tenderão a efetuar investimentos que sejam reconhecidos e legitimados nesses espaços.

Na explicação da reprodução dessa prática científica, Bourdieu (2003a) insere ainda o conceito de “*habitus*”, segundo o qual o fazer científico é percebido como um ofício, permeado por regras gerais e reprodução de determinada tradição. Esse fazer é marcado pela realização inconsciente, pois, não tendo forma explícita, está presente na prática e no discurso do cientista.

Desta forma, o campo científico, apesar de ser um espaço estruturado, está permeado por lutas e subversões, no qual dominados e dominantes, obedecendo a regras específicas, se enfrentam para acumular capital e assumir posições de prestígio. Neste quadro, apesar da existência de códigos científicos como imparcialidade e a causalidade, é, em última análise, a estrutura do campo que dirige e influencia as pesquisas científicas e, por consequência, a legitimação dos fatos (BOURDIEU, 2003a).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos perceber nos autores alguns dos principais marcadores sociais que contribuíram para o surgimento, desenvolvimento e mesmo problematização da Sociologia.

Em Simmel, tem-se a apresentação dos primeiros traços e elementos das relações sociais que serão objeto de problematização dessa nova ciência. O cenário de realização está imbricado na complexa vida do homem na grande cidade capitalista.

De modo geral, estabelece-se uma permanente vivência de conflito entre, de um lado, as exigências de organização de tempos e movimentos para atendimento das demandas dos homens inseridos nas grandes cidades capitalistas e, de outro, os movimentos de resistências ou de incorporação que vão moldando a subjetividade e suplantando a individualidade de cada um.

Nesse quadro, aponta alguns dos grandes problemas que acometem o homem da modernidade em sociedade, como a intensificação da vida nervosa, a monetarização da vida, a centralização dos valores na forma dinheiro, a divisão do trabalho e toda uma gama de ações que se conectarão com a preponderância do “espírito objetivo” sobre o “espírito subjetivo”. Questões que ainda hoje se apresentam como problemáticas e nos ajuda a pensar sobre os nossos tempos.

Ianni (1989, p. 24), com um acúmulo de tempo de quase cem anos de desenvolvimento social, quando comparado ao ano de publicação da obra do Simmel, apresenta categoricamente que a “Sociologia revela e constitui dimensões essenciais do Mundo Moderno”.

A Sociologia para Ianni trabalha com uma diversidade de temas e questões que abarcam a modernidade, influenciando as relações e os modos de vidas. Perpassando áreas

como economia, política, religião, ciência, cultura etc. Componentes da vida social produtiva, como a tecnologia, o capital, a força de trabalho, a divisão do trabalho social e diversos outros. Além disso, atua em uma perspectiva relacional a luta pelo poder, política, econômico, entre dominantes e dominados, governantes e governados, dirigentes e subalternos. Por fim, busca compreender como essas ações impactam e levam indivíduos, grupos e classes, movimentos sociais, partidos políticos a reagirem e se posicionarem dessa ou daquela forma.

Em suma, a Sociologia surge imbricada nessa modernidade e contribui com o entendimento da sua dinâmica e esclarecimento dos sentidos de muitas de suas ações, com tamanha relevância, que sem ela certamente, como aponta Ianni (1989, p. 24), o “Mundo Moderno seria mais obscuro, incógnito. Ficaria um pouco mais no limbo”.

Sem perder de vista a carga de criticidade que corresponde ao desenvolvimento da Sociologia, Bourdieu traz a tona uma problematização acerca da própria ciência moderna, do modo como ela se realiza – o que, de modo geral, inclui as ciências sociais, e de modo particular, a Sociologia. O autor traça todo um debate com vistas a estruturar explicações da dinâmica, relações e determinações que se estabelecem para que uma teoria seja considerada mais válida que outra, que um autor seja mais reconhecido que outro.

Desta problematização, com a elaboração da teoria do campo científico, Bourdieu estabelece que a produção científica, incluindo a desenvolvida pela Sociologia, está permeada por espaços de lutas e resistências, as quais, longe de neutralidade, atendem a interesses distintos dos seus agentes – que pode ser pela manutenção ou mesmo transformação. A partir disso desvela relações de poder e de dominação que são movidas na produção científica, desmistificando a leitura que está interessada apenas no progresso.

Todavia, depreende-se da teoria de Bourdieu que a Sociologia, com uma ação precípua que busca desvendar privilégios, opressões e hierarquias, ainda que esteja inserida e de certo modo reprodutora desse processo de desigualdade, possui uma condição fundante e dispõe dos recursos para contribuir com as transformações necessárias para modifica-lo – ao mesmo tempo em que ela também se modifica. Pois, conforme afirma Bourdieu (1990, p. 28) “[...] a sociologia liberta libertando da ilusão da liberdade”.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Editora Fim de Século, 2003b.

IANNI, O. **A Sociologia e o mundo moderno**. Tempo Social [online]. 1989, n. 1, v.1, págs. 7-27. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/83315> . Acesso em: 20 nov. 2017.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, O. G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, 1967.